

COLÓQUIO INTERNACIONAL

VIOLÊNCIAS DE GÊNERO E SEXISTAS NAS LITERATURAS DO MUNDO LUSÓFONO



Segunda-feira, 8 de março de 2027 (Sorbonne Université)
Terça-feira, 9 de março de 2027 (Université Sorbonne Nouvelle)

Desde o final do século XIX, e de forma mais acentuada a partir da década de 1970, sob o impulso dos feminismos da segunda vaga, a progressiva libertação da palavra das mulheres e as suas lutas políticas e ativistas contribuíram para evidenciar os múltiplos sistemas de opressão que historicamente as têm afetado. Paralelamente, na sequência do marco simbólico e político representado pelos motins de Stonewall no mundo ocidental, as pessoas homossexuais saíram definitivamente do armário. Já no início do século XXI, o surgimento de novos movimentos de contestação e indignação, amplificados pelas redes sociais e pelo espaço público, conferiu uma visibilidade sem precedentes à denúncia das violências físicas, psicológicas, sexuais e sexistas exercidas sobre as mulheres. De igual modo, após o profundo impacto social e comunitário da epidemia de VIH/SIDA, os movimentos LGBTQIA+ intensificaram a reivindicação de direitos e de reconhecimento político e social, exigindo igualdade de tratamento e de cidadania. Estas mobilizações conduziram a uma tomada de consciência coletiva acerca das violências de gênero, sexuais e sexistas, bem como dos mecanismos de silenciamento que continuam a rodeá-las, num contexto marcado por persistentes formas de resistência às transformações sociais. Como observa Froidevaux-Metterie, «[t]udo sucede como se as mulheres tivessem invariavelmente de se contentar com os poucos progressos alcançados à custa de enormes sacrifícios para, em seguida, regressarem ao seu lugar, silenciosas e estáticas» (2024: 14). Todavia, o patriarcado é hoje contestado por novas vagas feministas que rejeitam a redução das mulheres à condição de «corpo-objeto». Simultaneamente, as subjetividades *queer* têm vindo a questionar categorias identitárias outrora consideradas estáveis e imutáveis, abrindo espaço para uma redefinição das identidades. Assiste-se, assim, na viragem do século, como observou Georges Vigarello (1998: 7), à passagem «de um silêncio relativo a uma visibilidade ruidosa», ou seja, à emergência de discursos provenientes tanto das mulheres como das dissidências sexuais, que assinalam, no contexto ocidental, senão «o fim de um mundo», para retomar a expressão de Froidevaux-Metterie (2024), pelo menos uma profunda contestação da ordem heteropatriarcal.

As práticas culturais e as produções artísticas contribuíram amplamente para a elaboração de narrativas em torno das violências exercidas sobre as mulheres e as minorias sexuais, abordando-as sob variados ângulos, nomeadamente através da voz de sujeitos historicamente silenciados. Ao longo dos séculos, estas violências foram constantemente revisitadas nas artes e letras, sendo frequentemente representadas a partir de um *male gaze* essencialista (Fayolle, 2023: 30), que as inscrevia numa lógica de encenação das relações de poder, mais do que numa efetiva desconstrução ou denúncia dessas mesmas estruturas de dominação. No entanto, à medida que as problemáticas levantadas pelos feminismos e pelas teorias *queer* se foram intensificando no debate público e académico, as representações evoluíram, dando lugar a produções empenhadas em questionar as formas de dominação

e em inverter os esquemas tradicionais de reificação e estigmatização. A relevância e a visibilidade alcançadas por estas produções alimentam atualmente um debate particularmente complexo e, por vezes, contraditório. Se algumas teóricas feministas denunciam a expansão de uma cultura da violência e interrogam as modalidades da sua transposição para a ficção, bem como os efeitos éticos e políticos dessa representação, outras veem nela uma oportunidade de tornar visíveis realidades frequentemente ignoradas ou silenciadas nas esferas social e política. É esta a posição assumida por muitas escritoras e escritores contemporâneos que, através das suas obras, procuram resistir, testemunhar e preservar a memória das violências sofridas. Trata-se, como refere Yotova, de «testemunhar para as gerações futuras, a fim de não apagar a memória do mal [...], para salvar do esquecimento a dor sentida pelos corpos abusados» (2007: 11). No caso das mulheres e das dissidências sexuais, a escrita assume-se, assim, como um espaço de denúncia, de memória e de resistência, mas também, no que respeita às subjetividades *queer*, como um instrumento de construção comunitária perante processos de normalização e exclusão.

Das autobiografias aos romances, da poesia aos diários íntimos, da autoficção a outras modalidades de escrita de si, as representações das violências de género e sexuais abundam, oferecendo uma diversidade de perspetivas sobre realidades frequentemente banalizadas. Estas produções revelam as marcas profundas deixadas pela violência, evidenciando ao mesmo tempo os mecanismos sociais e culturais que contribuem para a sua perpetuação. Ao questionarem discursos dominantes e ao trazerem à luz experiências há muito silenciadas, estes textos propõem formas de resistência ao esquecimento e à invisibilização. À semelhança das autoras e dos autores que, em diferentes épocas, denunciaram estas realidades muitas vezes à custa da sua própria exposição e vulnerabilidade, muitas escritoras e escritores contemporâneos estão hoje empenhados em denunciar as violências de género e sexistas, através de novas abordagens estéticas e discursivas. Profundamente enraizadas na realidade social que as envolve, estas vozes unem-se num vasto projeto que consiste em nomear os não-ditos, em narrar «a vida nua» (Agamben, 1997), dando centralidade a sujeitos vulnerabilizados e historicamente marginalizados. Estas narrativas mobilizam uma diversidade de estratégias discursivas e estéticas capazes de expressar a violência, a dor e a memória, revelando simultaneamente as tensões, as fragilidades e as dinâmicas que moldam o ser humano. Inscritas numa dinâmica de intervenção ética, política e social, contribuem, assim, para preservar os vestígios de memórias individuais e coletivas, abrindo espaço à expressão daqueles e daquelas cujas vozes permanecem inaudíveis.

É neste contexto que se inscreve o presente colóquio, com início a 8 de março, Dia Internacional dos Direitos das Mulheres, uma data particularmente significativa para nos interrogarmos acerca das violências de género e das respostas que lhes têm sido dadas. Centrado nas literaturas do mundo lusófono, este colóquio internacional, organizado na continuidade da Jornada de Estudos realizada a 20 de outubro de 2025 na Universidade da Sorbonne, pretende reunir investigadoras e investigadores cujos trabalhos se debruçam sobre os discursos e as representações das violências exercidas contra as mulheres e contra todos aqueles e todas aquelas que ousaram, no passado ou no presente, desafiar as normas heteropatriarcais. Procurar-se-á, assim, questionar as lógicas normativas e os mecanismos sociais que contribuem para a perpetuação destas opressões, analisando simultaneamente as múltiplas estratégias de resistência, subversão e emancipação que lhes respondem. O objetivo será também compreender de que modo a literatura participa na construção de uma memória crítica destas experiências, dando lugar à emergência de corpos, subjetividades e trajetórias historicamente marginalizados e excluídos dos regimes dominantes de representação.

As propostas de comunicação deverão ser enviadas em francês ou em português até **30 de novembro de 2026**, para os seguintes endereços:

mariasilva01@hotmail.com, curoposfernando@yahoo.fr, luis_sobreira@hotmail.com

Deverão incluir um título, um resumo da apresentação com cerca de 200 a 300 palavras, 5 palavras-chave e uma nota biográfica com um máximo de 10 linhas. As comunicações terão a duração de 20 minutos.

Sugestões bibliográficas :

- Agamben, Giorgio, *Homo sacer. Le pouvoir souverain et la vie nue*, Paris, Seuil, 1997.
- Bacque, Marie-Hélène, Biewener, Carole, *L'Empowerment, une pratique émancipatrice ?*, Paris, Éd. La Découverte, 2015 [2013].
- Bessoles, Philippe, *Le Meurtre du féminin*, Clinique du viol, Paris, Champ social, 1997.
- Bourdieu, Pierre, *La Domination masculine*, Paris, Seuil, 1998.
- Brownmiller, Susan, *Against Our Will: Men, Women and Rape*, New York, Fawcett Columbine, 1975.
- Corbin, Alain, Courtine, Jean-Jacques, Vigarello, Georges (dir.), *Histoire de la virilité. La virilité en crise ? Le XX^e-XXI^e siècle*, vol. 3, Paris, Seuil, 2011.
- Dauvin, Cécile, Farge, Arlette, *De la violence et des femmes*, Paris, Albin Michel, 1997.
- Détrez, Christine, Simon, Anne, *À leur corps défendant. Les femmes à l'épreuve du nouvel ordre moral*, Paris, Seuil, 2006.
- Frevert, Ute, « Le genre et l'histoire. L'exemple de la honte », in Jean-Jacques Courtine (ed.), *Histoire des émotions. De la fin du 19^e siècle à nos jours*, vol. 3, Paris, Seuil, 2017, p. 98-116.
- Froidevaux- Metterie, Camille, *La Révolution du féminin*, Paris, Gallimard, 2020 [2015].
- , *Un corps à soi*, Paris, Seuil, 2021.
- , *Patriarcat, la fin d'un monde*, Paris, Seuil, 2024.
- Gazalé, Olivia, *Le mythe de la virilité : un piège pour les deux sexes*, Paris, Robert Lafont, 2012.
- Ogien, Ruwen, *La Honte est-elle immorale ?*, Paris, Bayard, 2002.
- Piette, Valérie, « Pour une écriture des hontes, une affaire de femmes », *La Revue nouvelle*, n° 3, 2024/3, p. 29-38.
- Sigaud, Dominique, *La malédiction d'être fille*, Paris, Albin Michel, 2019.
- Smith, Merrill D. (ed.), *Encyclopedia of Rape*, Westport/Connecticut/London, Greenwood Press, 2004, p. 174-175.
- Vigarello, Georges, *Histoire du viol. XVI^e-XX^e siècle*, Paris, Éditions du Seuil, 1998.
- Welzer-Lang, Daniel, *Les Hommes violents*, Paris, Payot, 1991.
- Yotova, Rennie, *Écrire le viol*, Paris, Non lieu, 2007.

COMISSÃO CIENTÍFICA E ORGANIZADORA

Maria ARAÚJO DA SILVA (Sorbonne Université)
Fernando CUROPOS (Université Sorbonne Nouvelle)
Luís SOBREIRA (Sorbonne Université)

